



## GÊNERO E RESISTÊNCIA: QUATRO GERAÇÕES FEMININAS E SUAS REPRESENTAÇÕES EM “SOLIDÃO CALCINADA” DE BÁRBARA LIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3918

Maria Isabel Trivilin, UEM

### Resumo

Misturando prosa e poema, a obra da autora paranaense Bárbara Lia aproxima a literatura dos estudos sociais através da representação da função social da mulher ao longo de quatro gerações diferentes e suas transformações, todas envolvidas por um contexto de historicidades políticas, econômicas e culturais que emitem um reflexo da opressão de gênero sofrida e da incansável busca em romper com os modelos tradicionais impostos pelo poder masculino.

### Palavras Chave:

Representação feminina;  
Função social da mulher;  
Movimento feminista;  
Ditadura militar; Solidão  
Calcinada.

Haja visto que o movimento feminista se potencializou no Brasil principalmente no século XX, o livro *Solidão Calcinada* traz a tona, sob o olhar de quatro vidas femininas, exemplos dos processos de empoderamento da mulher até o último século e de suas vidas marcadas pela violência advinda da ditadura militar e de todos os cruéis frutos que dela provieram. A pretensão do presente trabalho é, portanto, construir um paralelo entre o que a literatura de Bárbara diz, através de suas personagens e dos períodos em que viviam e as conquistas do movimento feminista na árdua reivindicação pela emancipação feminina ao longo da história – que ainda muito tem a alçar na busca por uma realidade igualitária e de fato combativa. As mulheres representadas na obra são como personificações de suas gerações e dos processos históricos que envolviam suas vidas, cada uma simbolizando a típica mulher de seu tempo (ou anos luz superior) com todas as dores, cicatrizes, resistências e tentativas de subversão de vidas femininas.

## Introdução/Justificativa

Apresentando um nítido rompimento com a narrativa clássica, a obra de Bárbara Lia demonstra que se nem mais os gêneros literários são unificados e emparelhados em um só modelo, quiçá serão os gêneros humanos. A autora, através da simplicidade de problemas rotineiros, expõe toda a estrutura social de gênero de um dado período, como eram vistas as mulheres da época e como as problemáticas sociais interferiam em suas visões de mundo e se apresentavam nos desconfortos de suas almas. O crescimento geracional é apresentado de modo a exemplificar a evolução dessas mulheres em um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias, e a desmistificação de seus papéis ligados à características supostamente “femininas”.

Ambientado na cidade do Rio de Janeiro desde a primeira década aos finais do século XX, o livro retrata a vida de quatro mulheres da família Piccoli – Pietra (a ancestral), Esperança, Serena e a personagem principal, Bárbara – buscando evidenciar suas especificidades, semelhanças e as amarras que as prendiam: ora por um amor avassalador, ora pela solidão calcinada da vida. Dividido em sete partes diferentes, intercaladas entre si, a obra expõe as duras questões da desigualdade de gênero e o papel crucial da ditadura militar no tocante dos aprofundamentos das violências e negligências em relação às lutas e pautas feministas no país desde os perfis transgressores de ativistas políticas durante o regime, como na personagem Serena, até os mais tradicionais, como na figura de Pietra.

A obra de autoria feminina é também uma trama revolucionária de protagonistas femininas contadas ao longo de uma história em que a mulher manteve-se invisível por séculos, tendo espaço no campo de pesquisa historiográfico apenas na década de 80, após duras lutas do movimento feminista para que os questionamentos e reivindicações da

realidade social, vinculada à opressão de gênero, fossem ouvidas. Adentrando uma área ainda incompleta no sentido de dar plena voz às mulheres, mas que avança na medida em que representantes do gênero feminino têm acesso ao ambiente universitário e à uma educação em que a mulher pode ser ao mesmo tempo pesquisadora e o objeto pesquisado, Bárbara Lia destaca a função social da mulher na família, nas organizações políticas, na maternidade e nas relações heteroafetivas. Como afirma Del Priore (2001): “Antes das historiadoras foram as feministas que fizeram a história das mulheres. O feminismo evidenciou a ausência da figura feminina no território historiográfico [...]” (apud SILVA, 2008, p. 225).

Assim, o referido trabalho justifica-se pela importância e valorização da literatura de autoria feminina que insurge-se como atitude subversiva em um campo de contextos econômicos, sociais e políticos que enquadram a mulher como mero adorno e personagem coadjuvante. Na busca de demonstrar – através da representação histórica das transformações, vivências e vozes dessas mulheres – que as construções de gênero não são inatas e imutáveis, mas fruto de uma hegemonia masculina de viés tendencioso contra a luta das mulheres, podendo, portanto, serem transformadas, são levantadas questões sobre as relações de gênero, raça e sexualidade.

Mostrando, assim, que análises como estas das relações de gênero só possuem razão de ser se vierem a contribuir para uma radical transformação nas relações entre homens e mulheres, desnaturalizando as desigualdades, opressões e ofertando-lhes as mesmas oportunidades, direitos e condições sociais. (SILVA, 2008, p.229)

## Objetivos

Objetivando demonstrar que a literatura também trabalha fatores reais, presentes na organização das mulheres no

cenário brasileiro, o presente trabalho tenta estabelecer uma ponte entre a literatura ficcional poética da autora paranaense e o contexto histórico do país em relação às lutas do movimento feminista.

Além disso, pretende-se elucidar, através da representação dessas mulheres em anos diferentes do século XX, que as identidades relacionadas à estas não são naturais ou a-históricas, mas construídas e impostas ao gênero por questões políticas, econômicas e socioculturais que apoiam e legitimam a desigualdade – a mesma pretensão da historiografia de viés feminista que surge para incorporar a análise das masculinidades e feminilidades aos estudos políticos e acadêmicos, colocando-os como prioridade em uma sociedade que não enxerga a história das mulheres como uma importante e essencial área do conhecimento.

## **Resultados**

Seguindo uma fila de flores cronológica, vivendo em 1910 – ano em que foi instituído o Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, em homenagem à tragédia ocorrida com mulheres ativistas e trabalhadoras da indústria têxtil, que morreram carbonizadas numa fábrica lutando por condições mais dignas – Pietra é a primeira mulher. Ilustrada como a mais tradicional de todas, casa-se logo na adolescência com um homem de idade mais avançada, por quem se apaixona perdidamente. Após fortes perdas materiais, o casamento de seus sonhos, inicialmente estruturado com estabilidade e paixão, se abala e o marido, Giancarlo, se entrega ao álcool e adquire pela vida um grande desgosto, fazendo cair por terra todo o brilho da relação e as expectativas gloriosas de Pietra – que a partir disso, incorpora a significância de seu nome: vira Pedra.

Tendo uma filha de nome Esperança, ela se entrega às obrigações da maternidade e ao portar-se como “mulher casada” – para garantir a segurança do

casamento e ser respeitada perante à sociedade de mulheres ocultas pelo pisar de domínio masculino – perde sua identidade e é posta sob um frágil arcabouço de negatividade e remissão de seu maior pecado: ter nascido mulher. Com apenas trinta anos ela fica viúva e todo o encanto pela vida também morre, restando-lhe apenas as precoces mazelas de uma vida solitária e infeliz. Como o marido era seu único elo de ligação com o mundo e, por óbvio, sua existência era justificada por tal relação – mantendo-a no modelo de mulher que faz de seu corpo seu próprio destino: menstruação, gravidez, parto, amamentação e educação dos filhos – quando o casamento se perde e o marido morre, é como se ela também falecesse em vida, emparedando-se no espaço privado.

A segunda mulher, Esperança, faz com que a estrutura patriarcal se perca um pouco. Criando a filha sozinha com a ajuda da mãe, que as ampara com todo o carinho e “espírito maternal” que pudera, nunca havia se casado e era amante do pai de sua filha, um tenente cruel do exército brasileiro. Diferente de Pietra, ela não se acanha ao continuar a vida sem uma figura masculina ao lado, ocupando com poder o posto de mãe solteira – já tratado desde a colonização como pecado e alvo principal dos europeus na tentativa de ordenação e normalização das mulheres, já que estas não tinham o “prazer” de conhecer as dádivas do matrimônio (SIQUEIRA et al., 1994, p. 150) – aguentando, assim, todas as responsabilidades, cobranças e julgamentos sozinha.

Embora seu comportamento rompa com os paradigmas sociais da época e com a estrutura da família nuclear ocidental, Esperança ainda carregava as dores de uma relação opressora e toda a força que teve para criar a filha sozinha não se manifestou no resto da vida. Cheia de contradições e vista como a mais misteriosa do enredo, na velhice torna-se “a avó Esperança, a mais normal das criaturas”, quieta, discreta e aquela que

quase nunca saía de casa. O tempo parecia tê-la reaproximado das clássicas raízes de exclusão feminina e das fundamentações até científicas que relacionavam a mulher com a delicadeza, emoção (subentendida a falta de razão) e com as obrigações do lar, apoiadas por um discurso universal escrito por e para homens.

Assim como no início da historiografia feminina em que fala-se da mulher, mas ela continua calada, Esperança concluiria sua vida emparedada em ondas de um silenciamento social, cultural, histórico e sistematicamente produzido para que o homem não tivesse que disputar por voz nos espaços de poder. O amante com quem teve dois filhos a marcou para sempre, fazendo com que perdesse a bela visão da vida e a intensidade das palavras, expressando no silêncio uma significativa dependência masculina.

A terceira mulher, ainda mais desprezada às correntes sexistas, teve uma vida breve e intensa. Era ativista política durante a quinta república brasileira (1964-84) e figura a corajosa mulher, vista como terrorista na época, por travar uma luta contra as medidas autoritárias do governo – fazendo alusão às que, junto aos movimentos sociais, lutaram contra o encarceramento, as medidas repressivas e em favor da liberdade e da anistia política.

Sendo descrita pela autora em meados dos anos 60 (década marcada pelas reivindicações feministas) até o início de 1970 – considerado por Heloisa Buarque de Hollanda (1994) o momento em que o feminismo “surge como novidade no campo acadêmico, colocando-se como uma tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico e político” (apud SILVA, 2008, p.226) – Serena era duplamente um símbolo de resistência: primeiro por insurgir-se como agente política contra o sistema militar e depois por romper com os padrões socialmente impostos às mulheres.

Serena representaria o cerne do

movimento político e social que viria a contribuir para novas ressignificações no campo historiográfico e científico acerca da participação e da existência da figura feminina como sujeito ativo e integrante de uma luta por direitos – questionando, simultaneamente, as imagens de passividade, submissão e confinamento ligadas às mulheres.

Em meio a uma luta em favor do espectro perigoso que ainda rondava não só a Europa, mas todo o mundo, ela vive um grande amor com outro jovem militante, Pablo Arrabal. Com ele, se entrega aos perigos na busca pela liberdade e torna-se fugitiva do sistema. A partir do completo cerceamento de todas as liberdades individuais e tentativas de oposição – marcas registradas de um regime que expressava um ódio peculiar às mulheres – Serena é presa covardemente ainda com Bárbara recém-nascida nos braços. Aguerriada, a prisão não a fez baixar a guarda, mas havia um ponto fraco: possuía por Pablo um amor avassalador e era dependente de tal relacionamento. Ao descobrir que ele havia desaparecido e provavelmente não mais o veria, Serena corta os pulsos em desespero e morre precocemente, aos vinte anos de idade, deixando a filha sob os cuidados da avó, Esperança.

Apesar de lutar pela emancipação da classe, ela ainda não havia se libertado e, infelizmente, as cicatrizes da ditadura militar permaneceram vivas pelas gerações futuras, enquadrando Bárbara como fruto de um período cruel que matou e torturou inúmeros inocentes, restando a ela todas as conturbações e sofrimentos interiores pela falta de informações da mãe e de sua própria história. Da mesma forma, Esperança se integra nesse mar de violências, haja visto que teve de criar a neta sozinha e aguentar a triste partida da filha tão jovem. A autora evidencia, pois, que a ditadura não matou apenas Serena e outros tantos jovens ativistas, mas também suas famílias, memórias e muitos anseios de suas nações.

No momento de expansão das questões femininas – como sexualidade, família, religião e educação – e das análises das representações dos corpos e vidas de mulheres nos vários campos artísticos, como a literatura, surge a personagem central do livro, representando os ideais de um movimento que cresce a cada década.

Diferente de suas antecessoras, não vive em função de um homem e do que a sociedade lhe predestina: um lar, afazeres domésticos e submissão. Trata-se de uma jornalista, dona de sua própria vida, que deixa o namorado em segundo plano para seguir com a carreira e tentar desvendar os mistérios que a atormentavam. Destemida, Bárbara não se amedronta em desbravar sozinha mistérios e locais desconhecidos e sua vida não é presa a padrões comportamentais – contrariando as teorias que há muito consideram como temperamento feminino a melancolia, sendo a mulher um sujeito débil, frágil, de natureza imbecil e doentia, noções estas aceitas até mesmo no discurso médico como algo inerente à sua estrutura biológica ainda no século XVIII (SIQUEIRA et al., 1994, p. 151), aquilo que muitas teóricas feministas, como Simone de Beauvoir, já contrariavam ao afirmar que: “não é a natureza que define a mulher: esta é que se define” (BEAUVOIR, 1970, p.59).

Além de independência e autonomia, Bárbara tem a liberdade de uma sexualidade bem resolvida, já que faz sexo com o namorado mesmo sem casar-se com ele e apesar de amá-lo, não vive em função de seus desejos, o que também representa uma ameaça à arcaica estrutura que até hoje vigora defendendo a preservação da “honra” da mulher:

“Das leis do Estado e da Igreja [...] à vigilância de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção [...] de velhos costumes misóginos, tudo confluía para [...]: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo

social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas.” (ARAÚJO, 1997, p. 45 apud SILVA, 2008, p. 227)

Isso é também explicado pelo fato de que a partir do século XIX iniciou-se um processo de higienização da noção de sexualidade, valorizando apenas a conjugal e tratando as relações sexuais em que o prazer em excesso imperava em detrimento à finalidade reprodutora, como doença física e moral até mesmo pela comunidade médica. (SIQUEIRA et al., 1994, p. 152)

Muito diferente de sua mãe, Serena, que apesar da coragem e bravura de uma militante, viveu e morreu pela dependência de um ardente amor por Pablo; de sua avó, Esperança, que após a ausência do amado, se escondeu por trás do silêncio e da obscuridade; e de sua bisavó, Pietra, que emparedou-se após a morte do marido, Bárbara de fato caminha rumo à quebra de um ciclo de mulheres que, embora diferentes em proporção de força e dominância patriarcal, traziam todas um desalento de origem opressora que perdurou suas vidas e justificou suas mortes.

No entanto, o mistério sobre a vida da mãe e a falta de um rosto do pai a atormentavam desde a infância, isto é, Bárbara também sentia pela falta de uma presença masculina em sua vida, ainda que ocupando o posto paternal de cuidado e proteção. Ao descobrir que o poeta do livro era na verdade seu pai, ela chega a um ponto de libertação que nenhuma outra mulher Piccoli conseguiu: se vê face a face à descoberta de suas maiores inquietações, conhecendo melhor quem ela realmente era e onde se encontravam suas raízes. Ela consegue quebrar a ordem de vidas guiadas por frustrações amorosas, existências solitárias e finais infelizes.

Embora convivesse também com as agressões de uma sociedade assentada na ideia de que ao homem cabe todo o domínio da palavra, do poder e da opressão, Bárbara demonstra muita força

e controle emocional – características também relacionadas ao movimento de mulheres que pretende provocar uma desordem estrutural profunda nos espaços de poder e nas visões de mundo que sempre foram guiadas à padrões misóginos.

A moça que carregava traços de todas as mulheres abre um novo século de conquistas, evidenciando que ainda que todos tenham sido guiados para crer e enxergar a mulher como mero instrumento de produção, mercadoria sexual e servidora do lar, a recente realidade aponta para uma jornada de resistência que só tende a crescer no difícil processo histórico de ascensão da liberdade feminina nos mais diversos campos: científicos, artísticos, culturais, econômicos, dentre outros.

Para além da vida das quatro mulheres, há um enredo principal do livro em torno de Bárbara e de seu pai, Pablo, o famoso poeta desaparecido que permanece vivo sem que ninguém saiba. Com um único livro publicado, “Crepúsculo”, encanta a filha jornalista e, apesar da poesia e sensibilidade impressas em seus versos ao poetizá-la, tinha uma visão da mulher tipicamente machista e estéril.

Associando a mulher ao carinho, ao afeto e às predestinações que a “frágil feminilidade” envolvia, estas noções trazem no âmago o respaldo necessário para que continuem encarando mulheres como seres que nasceram para servir seus homens, lhes concederem uma prole e realizar os afazeres domésticos, como se isso estivesse na ordem natural das coisas. A elas, pois, restam a maternidade, a doçura e a subordinação, já que a inteligência e o poder de crescimento fora do espaço privado é destinado ao homem.

Tais características opostas presentes na dualidade dos gêneros se expressam até mesmo nas formas como são compreendidos e valorizados os genitais – tanto os masculinos, que já o concedem mais liberdade e mobilidade,

até os femininos que são sinônimos de repressão e recheados de tabus desde a infância de uma mulher. Na própria criação dos filhos e no desmame desigual que ocorre entre os gêneros, já pode-se perceber a raiz da desigualdade. Na obra “O Segundo Sexo (1949)”, Simone explica como a construção da feminilidade e da masculinidade da criança acontece e como a oposição entre dominador X dominado aparece na forma como é imposta às crianças a função de seus órgãos genitais, fazendo com que seus destinos e lugares na sociedade sejam totalmente irregulares. Enquanto para o menino o pênis é um símbolo de autonomia e superioridade (quase uma personificação de outro mais esperto, poderoso e habilidoso), para a menina, que não pode enxergar poder em seu próprio corpo, a boneca viria a substituir a possante genitália, desempenhando a função de alter ego, segundo Beauvoir.

O objeto passivo tipicamente feminino é um dos que as fazem construir essa imagem de si própria e de suas semelhantes relacionadas sempre ao afeto e à beleza, como se para ser mulher ela precisasse se enquadrar em um padrão de bela, recatada e “do lar”. A visão que Pablo possui de que mulheres são sutis, ternas, zelosas e belas se explica muito por essa associação do brinquedo ao gênero feminino. Ou seja, a menina enfeita, embeleza e trata sua miniatura como gostaria de ser assim tratada, estabelecendo com esta uma relação intrínseca, já que desde cedo é enquadrada como objeto, tendo o acesso negado à educação, à igualdade e à liberdade, a fim de que não evolua, tampouco enxergue e desbrave o mundo em sua totalidade, dificultando ainda mais no processo de aceitação e de afirmação da mulher enquanto sujeito social nos processos históricos.

“Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras ela descobre o sentido das palavras ‘bonita’ e ‘feia’; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser

‘bonita como uma imagem’; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos.” (BEAUVOIR, 1967, p. 20).”

Quando a análise é construída observando os mais de trezentos anos de escravização do povo negro no Brasil, responsável por estabelecer um padrão social em que os negros continuaram sujeitos à inferiorização, percebe-se que a mulher desta primeira raça é duplamente oprimida – primeiro por seu gênero trazer como bagagem as duras marcas da violência patriarcal, potencializada pelo modo de produção vigente, segundo por carregar como herança anos de sofrimento, crueldade e ainda maior mercantilização de seus corpos. Bárbara Lia evidencia, nesta obra, quão invisibilizada foi a mulher negra e as distâncias sociais e políticas descomunais na relação entre escravo e senhor (negro e branco) que não foram suprimidas, somente mascaradas e não admitidas explicitamente ao longo do tempo.

[...] Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.” (SOUZA 1983, p. 17-18 apud TOKIDA, 1995, p. 127)

Essa diferença também econômica – fruto de anos de exploração e escravização dos povos afrodescendentes, que mesmo após a “libertação” continuaram presos aos seus senhores por questão de sobrevivência e obrigação de servir ao capital – foi responsável por aprisionar a população negra nos mais baixos escalões e deixá-la sempre à margem da sociedade, ocupando os postos de menor remuneração e valor. Esta lógica é demonstrada através das

personagens negras ilustradas no livro e suas classes sociais: “uma garota magra morena, (...) vestia um uniforme cinza claro” (LIA, 2007, p. 51). Além de tratar a questão da divisão sexual do trabalho, em que são tomadas como ocupações “femininas” às associadas ao cuidado, zelo e ao afeto, também são evidenciados os locais ocupados por estas mulheres e as bem definidas divisões de papéis em uma sociedade baseada na exploração dos povos, principalmente dos que possuem cerradas marcas de chicotes e correntes.

O termo “morena” presente na citação e em outros diversos momentos do texto – “(...) procurando acreditar que chegaria o instante de amar a sua musa morena.” (LIA, 2007, p. 90) – revela que apesar da ótica mudar, continuam as mulheres negras sendo vistas como escravas sexuais de um patrão selvagem e machista; além de descrever por si só o racismo internalizado, institucionalizado e velado no último país a abolir, em tese, a escravidão.

A construção da categoria “mulato”, então, foi a saída encontrada pela ideologia da democracia racial para difundir a ilusão de que no Brasil não existiam distinções de “raça”. (DOMINGUES, Fernandes. O Mito da Democracia Racial e a Mestiçagem no Brasil (1889-1930) Diálogos Latino Americanos, nº 10, 2005, p.125 apud INÁCIO, 2014, p. 2461)

Além disso, em diversos momentos da obra, quando Pablo se encanta por uma linda mulher “morena”, ainda que não a chame de negra, sempre ao falar de sua beleza ressalta o “negror espantoso” e a “pele como a das mulheres andinas – marrom”. Embora pouco se leia sobre mulheres bonitas por sua branquitude, tal reação demonstra que, ao descrever mulheres negras bonitas – não simplesmente tomadas como fetiches e hiperssexualizadas ruas afora – há a necessidade de expor seus traços afrodescendentes, haja visto que poucas

vezes esta seria considerada digna de um relacionamento sério, saudável e amoroso.

### Considerações Finais

O livro inicia descrevendo uma árvore calcinada, que destoando do resto da paisagem, permanecia morta no canto do jardim. No fim, quando Bárbara se liberta e quebra a tradição de mulheres amarguradas e feridas, descortina-se o significado da planta tão bem pensada para mostrar a linhagem dessas mulheres aprisionadas nas raízes e nas amarras de um sistema que as envolvia pelas solidões calcinadas da vida.

Ao quebrar a triste simbologia – e cortar o nebuloso ciclo patriarcal de suas antecessoras: transloucado amor, maternidade, separação, frustração, dependência masculina e falecimento da alma – da prisão às raízes da tradição, demonstra-se que para as herdeiras deste “mal” (o de ser mulher), cabe novos enfrentamentos e formas de resistência no singular período que emerge.

Com o fortalecimento do movimento feminista, o surgimento de outra onda de mulheres torna-se uma realidade possível – não só autônoma, independente e liberta em relação à sexualidade, mas mulheres que lutam por outras mulheres. Utilizando um contexto anterior, embora tão atual, o texto permite pensar sobre as representantes desse novo século e quais frutos dessa árvore calcinada elas são. Muitas Pietras, Esperanças e Serenas morreram torturadas, queimadas e sufocadas por essas raízes para que hoje outras pudessem alçar uma emancipação maior, lutando para que seus clamores sejam ouvidos.

Solidão Calcinada, assim, encerra-se como uma história sem fim, posto que cada dia de resistência feminista é a escrita de uma nova página e a quebra de outra raiz. Os contextos políticos e socioculturais indagam, portanto, qual das mulheres e dos períodos históricos pretende-se transgredir. Através da vida

das quatro mulheres do século XX, o movimento feminista é descrito pelas transformações e desprendimentos aos padrões e às prisões em que estas estavam enquadradas. A autora “encerra” o livro, como se dissesse na voz de Bárbara: “É tempo, pois, de mudanças estruturais, sociais, econômicas, políticas e culturais em uma sociedade – e na historiografia desta – que silenciou e enquadrou mulheres como as “sem vozes” da história por séculos”, mostrando através de suas evoluções, que as construções ligadas à feminilidade não são inatas, mas foram cuidadosa e violentamente manipuladas e legitimadas por um campo tendencioso que pretendia excluir e expulsar as mulheres dos espaços de poder.

### Referências

- LIA, Barbara; **Solidão Calcinada**. Curitiba: Cultura, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, Vol.1: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, Vol.2: A Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da Historiografia das Mulheres no Brasil. **Revista Politeia: História e Sociedade**, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. História das Mulheres e das Relações de Gênero: Campo Historiográfico, Trajetórias e Perspectivas. **Revista Mandrágora**, v. 19, n. 19, 2013.
- SIQUEIRA, Deis; BANDEIRA, Lourdes; YANNOULAS, Sílvia. Ao Sul do Corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. **Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB**, v. 2, n. 3, p. 148-157, 1994.
- TOKITA, Márcia Figueiredo. Mulheres negras, GT 7. Feminismos, sexualidades e marxismos na América Latina. **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”**, p. 120 – 133, 2013.
- INÁCIO, Miriam de Oliveira. Mulher, Raça e Etnia. **18º REDOR – Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e das Práticas**, p. 2458.